

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR
JOÃO ADELINO DIAS PENA

ANO I N.º 31
DOMINGO - 10 de Janeiro de 1954

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 24

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

PORTUGAL E... ALGARVE

DOIS PAÍSES DISTINTOS

OU PORTUGAL E... «COLÓNIA»

O artigo que seguidamente transcrevemos, com a devota vénia, foi publicado em editorial, no nosso prezado colega «A Voz de Loulé», de 1 do corrente.

É um punhado de verdades que vão ao encontro do que verdadeiramente sentem e pensam todos os algarvios que amam esta esquecida província — sempre pródiga, acolhedora e generosa. E' o eco do justificado despeito com que vemos serem esquecidos e menosprezados os nossos mais elementares direitos.

Boas e desassombradas falas, senhor articulista! Elas merecem o nosso incondicional aplauso!

DESDE os tempos do Senhor rei Afonso III que, pela anexação da zona sul do que os Compêndios de Geografia chamam Portugal Continental, os reis da antiga monarquia se intitulavam «Reis de Portugal e dos Algarves»

Assim, sempre se mantendo a distinção nos títulos reais, o que é certo é que, na realidade económica, política, histórica, etc., não havia qualquer indício revelador ou justificativo, na prática, de que os dois velhos reinos não constituíssem uma unidade completa.

Em 1910, implantado o regime republicano, foi abolida a monarquia, datando dessa data a ressurreição da distinção prática entre o Portugal anterior a D. Afonso III e o Algarve. Efectivamente, a lei que aboliu o regime monárquico esqueceu a dualidade teórica e constitucional e limitou-se a declarar abolida a monarquia em Portugal. O Algarve... ficou no tinteiro o que, aliás, nada me aflige.

Não sabemos se é por isso, se será por o planalto alentejano não permitir que seja visto, directamente, da banda de lá, a verdade é que, nos grandes arranjos de carácter mais ou menos nacional, são favas contadas... não vem no mapa!

Há tempos, os C. T. T. emitem postais ilustrados para propaganda das paisagens, cas-

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

PANAIT ISTRATI

Por RODRIGUES PENA

PANAIT Istrati é, certamente, o escritor romeno mais lido e conhecido, fora das fronteiras do seu país. As suas obras encontram-se traduzidas em quase todas as línguas. A sua universalização, independentemente do seu incontestável mérito, deve-se, principalmente, ao facto de ter escrito os seus romances e novelas na língua francesa, o que lhe permitiu contactar com os mais diversos públicos, coisa algo difícil se tivesse escrito as suas obras na língua do seu país. A língua francesa mostrou-se sempre, através dos tempos, um maravilhoso veículo das ideias e pensamento humanos. Mesmo nas épocas em que a França perdeu a sua preponderância no campo do pensamento, esse país nunca deixou de desempenhar importante papel na divulgação da cultura. Pode-se mesmo afirmar que alguns escritores ingleses tais como Locke e Bacon, só ganharam prestígio europeu e universal através das traduções francesas. Mas voltemos a Istrati, a esse pobre Panait Istrati, como um dia lhe chamou Henri Barbusse. O autor de Kyra Kiralina, pertence a essa qualidade de escritores que, pela vida que arrastaram e viveram, se pode considerar um escritor unicamente realizado pelo seu trabalho e inclinações. Istrati é o autodidacta quase puro, o homem que, calcuando uma boa parte do mundo, aprendeu mais na vida do que pró-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

ESTAMPAS

MASSENA E O ESTADISTA DE CURVETO

Por CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

O cerco de Génova

DAS suas três praças principais, desde os primeiros tempos da unidade, Génova consagrou a primeira e a principal, a que se rasga ao obelisco consagrado aos heróis nacionais e locais da unidade italiana e aos dos mares do país ligure, a Francesco Curveto.

Um século, um pouco mais, decorreram sobre a sua morte em Paris, onde foi primeiro-ministro da delegação italiana junto do Império de Napoleão, digno na modesta representação de que esse governo foi rodeado. No entanto, o homem romântico e o diplomata eminente conservam-se no carácter integro que maravilhou — no cerco de Génova — a pessoa

exigente do marechal Massena, futuro duque de Rivoli.

Pontualizemos: tenho, há muitos anos, particular interesse em deslumbrar a figura e fazer realce à personalidade exímia do homem que, percursor do próprio conde de Cavour, merece aos italianos de hoje a homenagem mediterrânea e única de uma praça genovesa e monumental do obelisco erguido na fremente e já-mais inolvidável metrópole do mar Tirreno.

Napoleão, ainda primeiro Cônsul apenas, incumbira da missão secreta de manter o assédio de Génova o marechal Massena, sustentando-o e convertendo-o através de tudo. Ao fim de meses, as necessidades tinham feito desse assédio, um prodígio de resistência militar e de sacrifício italiano. A maioria da população da cidade, vendo apenas o interesse e o egoísmo da incorporação à ávida Áustria, perseguia os raros patriotas genoveses que mantinham os direitos da pátria e da unidade italianas; e se os esbirros de Veneza enchiam de patriotas os celebres Chumbos, os «Doges» genoveses contavam a maioria na sua república patricia, enfeudada à Casa de Áustria. Só depois da passagem dos Alpes por Napoleão Bonaparte, nos montes de São Bernardo, é que se fez celebre a acção ciclónica do novo César e, nele, o legislador de Milão e o fundador do reino de Roma. Antes, porém, quantos sofrimentos, contratempos, revezes. Ainda em Génova fluctuava a bandeira napoleónica e a causa de Na-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Promoções

Pela última Ordem do Exército, foi promovido ao posto de Coronel o nosso prezado amigo, sr. Tenente-Coronel José Cortes Ferreira de Sousa, que passa a desempenhar as funções de comandante do Regimento de Infantaria 4, funções que já desempenhava interinamente.

Também inseriu a mesma Ordem a promoção ao posto imediato do sr. Tenente-Coronel Manuel de Sousa Rosal Júnior, comandante da Escola Prática de Administração Militar e Deputado pelo Algarve, na actual legislatura.

“MARROCOS ANDALUZ”

Pelo Dr. F. FERNANDES LOPES

(Continuação)

EM ÉPOCA próxima à da conquista cartaginesa pelo Sul (talvez ao mesmo tempo, como crê Ballesteros, o grande historiador da Espanha), entrou pelo Norte uma grande invasão ou emigração em massa, a dos celtas, — emigração que Martinez de Santolalla qualifica de a primeira

invasão bárbara conhecida. E a escola francesa diz: «Não se deve esquecer que a Península Ibérica estava povoada em todas as suas regiões, e no seu centro mesmo, desde milhares de anos, quando os celtas a atingiram, e que estes não puderam modificar consideravelmente a composição da raça espanhola».

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

Conta-Gotas

por Maria Manuela Nunes

Diário

Só queria que vissem a casa do meu amigo M. C. A frente da praça a cidade; as trazeiras para o campo. Mas de uma janelinha, vê-se o mar. Não uma fita de mar ou um pequeno rectângulo azul afogado entre os prédios. Não. E' o mar a perder-se lá longe, mais longe que os nossos olhos. A distância adivinha-se. Melhor: sente-se. Tem presença física.

Eu sou daquelas pessoas que têm horror às quatro paredes. Se pudesse, acampava num bote, em pleno rio. Construtora que fosse, e todas as casas seriam de vidro. De vidro e com, pelo menos, uma janela lançada para o mar. E' por isso que, quando chego, logo me oferecem a cadeira da «vigia». Querem ver? Tomo o meu papel muito a sério. Demasiado a sério. Vou no cesto da gávea, a perscrutar a distância. Em baixo, de um lado e do outro (à frente, a cidade; atrás, o campo) a tripulação volta para mim os olhos ansiosos. E' claro que os meus olhos riem-se da bruma. Não há bruma possível, neste mundo, que possa apagar no coração do homem a certeza de mais caminho. E então grito para baixo:

«Alvissaras, meu capitão, meu capitão general, já vejo terras de Espanha areias de Portugal...»

Meus olhos vão à frente de meus braços. Mas o pinheiro marítimo que sou, batido pela maresia do infinito, não tarda que se transforme num barco e parta à conquista da luz, da distância e da vida, sem estas quatro paredes.

Nota positiva em Geografia

É preciso saber coisas incríveis. A Suécia, a Noruega, tim-tim por tim-tim. As características das terras banhadas pelo Rio Amur, pelo Rio Azul, sei lá que mais. Vejamos o tempo, depois, que é necessário para esquecer tudo isto!

Apontamento

Ah!, é uma pessoa muito amiga do meu pai. Deixe que hei-de falar ao meu pai. O meu pai dizia-me ontem... O meu pai é de opinião... O meu pai foi convidado para o banquete. Lá toda a gente conhece o meu pai. Quando chego a qualquer lado, todas as portas se abrem. «Você é filho de...?». Sou um ho-

Constituiu um êxito

a exposição de gravura

de Manuel Cabanas

DAS EXPOSIÇÕES de arte realizadas na nossa terra, a que está patente nos Paços do Concelho é incontestavelmente a mais valiosa e aquela que mais projecção alcançou. Efectivamente, os trabalhos de Manuel dos Santos Cabanas impressionaram as muitas centenas de pessoas que já os apreciaram e para as quais constituiu uma surpresa a extraordinária capacidade artística de Cabanas.

Os trabalhos expostos, mais de setenta gravuras em madeira e algumas dezenas de encadernações dignas de museu, revelam um artista de incontestáveis méritos, merecedor do nosso apreço e da nossa simpatia.

Depois de expor no Porto, em Lisboa e na nossa capital do distrito, o artista quis proporcionar à gente do seu concelho a riqueza do seu trabalho. E fê-lo com generosidade, pois exhibe integralmente a sua obra, apresentando trabalhos inéditos. Entre estes, merecem menção especial a ca-

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)



PORTIMÃO — Terra Natal de M. Teixeira Gomes

SOBRE TEIXEIRA GOMES

Por J. SILVIA CARVALHO

CERTOS escrevinhadores de jornais usam dizer, com certo orgulho, que nunca lêem periódicos! Note, até, que esse snobismo (porque outra coisa não pode ser) ataca mais fortemente os chamados profissionais da imprensa; precisamente aqueles que melhor deveriam saber o que os outros pensam, para melhor cumprirem a missão de orientadores do grande público.

Felizmente, a grande parte dos jornalistas amadores não sofre dessa moléstia megalómana e devora toda a letra redonda que lhe cai sob os olhos, gastando precioso tempo, que nem sempre é o melhor empregado. Mas quem vê somente letras não sabe o que elas dizem. Tem de juntá-las para, em seguida, formar um juízo e recolher uma impressão.

Só assim se explica que o periodista Marcos Algarve se tivesse inteirado do conteúdo do meu desprezioso escrito sobre os detractores de

O TEMPO

Continua a fazer-se sentir, em todo o Algarve, uma verdadeira vaga de frio, com particular intensidade nesta região.

E com o frio apareceu a primeira neve das amendoeiras, a pincelar de branco e rosado, aqui e além, a paisagem algarvia.

GAZETILHA

© F R I O

O compadre vento norte está agora armado em forte e rijas frescuras manda, o frio é de tal quilate, que toda a gente o combate mas nem por isso desanda!

Gabardinas, sobretudo, tecidos grossos, felpudos, entram na luta ao danado e mantas e cobertores, tudo o que produz calores, tem sido mobilizado!

Há estragos consideráveis: mãos, outrora respeitáveis, inchadas que até faz pena e rostos antes bonitos descórados, pobresitos esperando brisa mais amena...

Pior, porém, que este frio criador, de pouco brio, de cieiros e frieiras, é um outro, glacial, que, dada a crise actual, paira em certas algebeiras...

BIN OCLIO

AINDA A CAMPANHA DE BEM-FAZER, DO NATAL

Somos informados de que, além das diversas e caridosas dádivas que registámos, em breve resenha, foram também oferecidos aos pobres, no Refeitório de Indigentes da Junta de Freguesia, 2 bodos constantes de 95 refeições cada um, nos dias de Natal e de Ano Novo.

Estes bodos foram inteiramente custeados por duas pessoas da nossa sociedade, um dos quais é um benemérito local, a quem os desprotegidos devem a organização e manutenção de prestantes obras de beneficência e de generosa e discreta caridade particular.

Gostosamente arquivamos, nas nossas colunas, estes exemplos, bem dignos de serem imitados por outros que, comodamente, ignoram as vicissitudes e angustias dos necessitados deste concelho.

CRIADA

Para lavar (com máquina eléctrica) e engomar, precisa-se, no Hospital da Misericórdia, nesta vila.

Quem perdeu?

Encontram-se depositados, no Posto da Polícia de Segurança Publica, uma touca de lã, de senhora, uma boína, de homem e um cachecol de lã, que serão entregues a quem provar pertencer-lhes.

mem de sorte, não acha? Ter um pai assim.

Crítica

Tenho de combater, em mim, esta tendência para chorar por tudo e por nada. Chorar pelo gosto de chorar. De ver as pequenas gotas luminosas sobre o caminho escuro.

Mãezinha

Enfim, não tenho nada com isso. Mas confrange-me ver um homem perto dos quarenta anos, solteiro. Especialmente quando dizem: «Compreende, não quero deixar a minha mãezinha...» Ficam com um ar tão parvinho! Tão infantil!

Percebem?

Diz-se que na última conflagração mundial morreram catorze milhões de pessoas. Não calculam, amigas, com que satisfação escrevi a palavra última...

Pintura

A Maria Rita casou-se. Fui ontem vê-la, à sua casa. Bom, uma casa! Dois quatinhos com serventia de cozinha, aí está. O quarto de dormir pintado de cor-de-rosa, um cor-de-rosa berrante. Um cor-de-rosa como direi?, impudico. O dia, que nasce tão inocentemente, claro que não procura esconder-se.

PARA SI, minha Senhora

A FITA

GRANDE MOTIVO

ORNAMENTAL DA ESTAÇÃO

por Noémia Gil Faria

POSTA de parte, durante muitos anos, a fita, principalmente a de veludo, volta a alegrar o nosso vestuário com a graciosidade dos laços, dos nós e das barrinhas cosidas à mão.

Um vestido já um pouco visto pode transformar-se assim num elegante modelo, desde que lhe juntemos uma guarnição de fita, segundo qualquer das mil e tantas ideias originais que a moda, agora, nos propõe.

Nas últimas passagens de modelos, em Paris, viu-se um «tailleur» muito simples, em «tweed» cinzento e preto, sem gola, mas justo ao pescoço, modelo que uma gargantilha de fita larga em tafetá cinzento pérola, com uma fitinha de veludo preto, ao centro, cópia exacta da usada pelo nosso amigo Pierrot, animava com uma nota de cor da mais alta elegância. Outro modelo, muito severo, todo negro, tinha a alegrá-lo um cinto larguíssimo, confeccionado com fitas de seda que se alternavam em várias qualidades: veludo, «gros-grain» e cetim, em tons que iam do «champagne» ao roxo.

Acompanhando um «tailleur» em «jersey» azul-marinho, havia a nota colorida de uma gravata larga «à caçador» em fita de cetim verde e azul.

Uma lindíssima saia de feltrina cor de framboesa tinha, como guarnição, dez barras de fita muito estreita, em veludo azul escuro.

Uma fita de seda cor de conhaque rematava, toda à volta, por uma rica estola de «vison» do Canadá.

A «toilette» do grande dia também emprega a fita. Um vestido de noiva, em otomana, tinha as mangas, a bainha da saia e o decote guarnecidos com uma «ruché» de fita em cetim cor de marfim velho.

Poderíamos continuar citando inúmeros modelos de vestidos em que a velha-moderna guarnição desempenha papel da mais alta importância e nos aparece como senhora incontestada da estação, mas não é só aí que ela está em voga. Usam-se, por exemplo, as fitas às riscas — pretas e brancas, azuis escuras e brancas, vermelhas e brancas — para substituir os atacadores, nos modernos sapatos de verniz, dando grandes laçadas sobre o peito do pé, numa evocação dos sapatos que usaram as elegantes aí por voltas de 1920. Também se usa, para teatro, cinema e até noites de gala, a fita de veludo, compondo o penteado, em grandes nós ou em fartas laçadas. Alguns cabeleireiros apresentam bonitas «cabeças» para noite, pregando nestas fitas as mais variadas aplicações de «strass», de ouro, de metal dourado e até de brilhantes. Outros artistas bordaram-nas com pérolas minúsculas ou com lantejoulas de cor, empregando fitas pretas, se a guarnição se destinava a cabelos loiros e fitas na cor do vestido para os cabelos escuros.

Destinados, enfim, às raparigas da «casa dos dez» (dez aos dezanove anos), ressuscitaram os laços de veludo preto armados sobre os travessões (de forma que o laço esteja sempre pronto e airoso) para segurar os cabelos, que se usam, para estas idades, curtos, mas com comprimento suficiente para se poderem prender. O penteado mais em voga é o que puxa o cabelo para trás e o prende com o travessão sobre a cabeça. Há outro modelo, com risca ao meio, prendendo o cabelo aos lados com dois travessões, mas, neste caso, os laços são mais pequenos.

Os modernos saquinhos de mão, para depois das cinco, feitos em veludo preto, não dispensam uma laçada de fita, mas em tom contrastante.

Nos chapéus, também se vêem bastante as laçadas de fita, mas, caso curioso, mais no chapéu prático do que no elegante.

Por último, vemos as fitas em inúmeros modelos de luvas para depois das cinco. Alguns são inteiramente confeccionados com fitas estreitas. A maioria, porém, limita-se a ter um lacinho sobre o pulso ou o canhão voltado, guarnecido com fita de cetim.

Por aqui verifica, minha senhora, como a fita acompanha, hoje, a elegante desde a cabeça até aos pés, não falando, é claro, dos mil laços, laçarotes e lacinhos que se usam rematando um decote, enfeitando uma bainha ou alegrando uma das mangas e dando sempre aos modelos uma graciosidade encantadora, apesar do arzinho um tudo nada petulante que sempre tem uma laçada, quando engomada a capricho.

Noticiário da Província

PORTIMÃO

Carnaval em Portimão

Após realizações de carácter carnavalesco, mas que são outras tantas manifestações de arte, bom gosto e benemerência, vão realizar-se mais uma vez as festas da Amendoeira e do Carnaval, nesta cidade, que em tudo indicam ser superiores, em arte e bairrismo, a tudo quanto se tem realizado, e às quais está reservado, certamente, retumbante êxito.

Após uma reunião na Câmara Municipal, em que estavam representadas as forças vivas locais e em que se decidiu a continuidade destes tão característicos festejos, diversas têm sido as adesões e provas de simpatia que têm chegado até à Comissão Organizadora, que ao assunto está a dar o melhor da sua atenção e carinho.

Trabalha-se, pois, afanosamente para que as Festas da Amendoeira e do Carnaval sejam mais uma realização apreciável e que confirme, pelo menos, o êxito das anteriormente realizadas.

O lucro líquido dos festejos reverte a favor da construção do novo hospital. — e.

ALGÔS

Rectificando

Na nossa última correspondência, verificou-se um lapso a que nos cumpre dar a devida rectificação. Assim, onde se lia a inauguração do estabelecimento de móveis, pertencente a Leite & Forra, devia ler-se Leite & Fava. Que nos desculpem os nossos amigos esta gralha.

Maria Francisca Negrão Cabrita Gomes

Já retirou para Lisboa, a continuar os seus estudos na Faculdade de Letras, esta aplicada aluna, filha querida do nosso velho amigo Duarte Gomes, activo viajante comercial.

Melhoramento

Anuncia-se para breve, o que muito nos alega, a remodelação completa do antigo estabelecimento de fazendas, mercearias, etc., que pertenceu ao nosso saudoso amigo sr. Francisco Marreiros Leite.

Situado no melhor local e sendo o mais antigo, continuarão os seus novos proprietários a seguir sempre a divisa que foi seu lema, vender sempre o mais barato, assim defendendo a sua vasta clientela. A seu tempo, daremos o devido realce a mais este empreendimento a valorizar a estatística local, e aumentar a nossa posição comercial.

Yaga de frio

Têm-se feito sentir bastante os frios que ultimamente têm assolado esta nossa região e alterado o estado de saúde dos seus habitantes.

José António Costa

A fim de consultar a medicina, seguiu para Lisboa este nosso querido amigo, conceituado farmacêutico e proprietário da farmácia local. Apeçecemos-lhe o seu completo restabelecimento.

José Sequeira Quintas

Acompanhado de sua esposa, já regressou a esta este nosso querido amigo, inspector reformado da C. P.

João Calhau Rolin

Acompanhado de sua esposa e filho, seguiu para Lisboa este nosso prezado amigo, importante industrial de cortiça.

Empresa Distiladora de Algôs

Com alegria de todos os habitantes locais, já se iniciaram os trabalhos para a construção do edificio da sua instalação. Ao que nos informam e registamos com prazer, esta nova empresa tem largos projectos industriais, que muito vão valorizar esta região.

Foi adjudicado ao conceituado e importante construtor civil, sr. Diamantino F. Tojal, esta construção e o seu projecto obedece às mais modernas exigências, pelo que se nos afigura estabelecimento de valia industrial.

Aos seus proprietários, com cumprimentos, desejos bem sinceros de prósperos negócios lhes endereçamos. — e.

Visado pela Comissão de Censura

LUZ DE TAVIRA

Necrologia

No passado dia 2 do corrente mês, faleceu nesta aldeia o sr. Arsénio Francisco, que era natural da Vila de Aljezur e contava a idade de 92 anos.

Era pai do Rev. José Arsénio Águas, pároco desta freguesia, do sr. Arsénio dos Santos Águas, zelador da Câmara Municipal de Silves, e sogro da sr.ª D. Maria José Cavaco Águas.

No seu funeral, realizado pelas 16 horas do dia 3, para o cemitério local, incorporaram-se as principais famílias desta freguesia e grande número de amigos e paroquianos do Rev. Pároco, especialmente de Castro Marim, Paderna e Mexilhoeira Grande.

O préstimo fúnebre foi presidido pelo Rev. sr. Cónego Delgado, acompanhado dos Revs. Piores Patricio, de Tavira, João Araújo, de Castro Marim, Alagaia, de Olhão, António Nobre, da Conceição de Tavira, e Sebastião Viegas, coadjutor de Olhão.

A família enlutada e especialmente ao Rev. José Arsénio Águas, «Noticias do Algarve» apresenta sentidas condolências. — e.

TRADUÇÕES

Comerciais, técnicas ou literárias, em Francês, Italiano, Inglês e Alemão. Rapidez, sigilo e preços módicos.

F. MORAIS RODRIGUES
R. Miguel Bombarda, 30
Vila Real de Santo António

PENSÃO FELIX

Sobejamente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferência.

Praça Marquez de Pombal, 22
Vila Real de Santo António

AGENDA

Movimento da Lota de Vila Real de Santo António de 1 a 7 de Janeiro:

Trainceiras:	
S. Domingos.	1 890\$00
Janita.	330\$00
Total	2.220\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 2 a 8 de Janeiro:

Entrados:	
COSTEIRO, Português, de 629 toneladas, de Lisboa, vazio.	
Saídos:	
CORUCHE, Português, para Lisboa, com minério.	

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 9 a 15 de Janeiro, a Farmácia Carmo, Rua S. João de Brito - Telefone 31.

A EXPOSIÇÃO

de Manuel Cabanas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

beça de Victor Hugo, o busto do grande Marquês, fundador da nossa terra e o Hamlet — três trabalhos que figuram na Exposição do Museu das Belas Artes e que têm sido objecto dos maiores louvores da crítica.

Devemos focar uma circunstância que nos regozija — o progresso revelado nos últimos trabalhos, pelo artista. A cabeça de Victor Hugo é uma obra que o impõe definitivamente como mestre da xilografia.

Está de parabéns Manuel Cabanas e de parabéns estamos todos nós, os seus conterrâneos e amigos. A Rebocho, o nosso artista máximo, mestre do fresco, cujo nome ultrapassou, muito justamente, as nossas fronteiras, temos que juntar o mestre de gravura Cabanas, sem esquecer o jovem José Lima, de quem esperamos também grandes coisas.

A inauguração do valioso mostruário artístico, no salão nobre dos Paços do Concelho, assistiram o presidente do Município, sr. Dr. Manuel Fernandes Vargas, vereadores, membros da Comissão Municipal de Turismo — promotora da exposição — delegado distrital de saúde e muitas outras individualidades.

A exposição tem sido visitada por muitas centenas de pessoas e conservar-se-á patente ao público até amanhã, das 11 às 23 horas.

Holland-America Line



AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C.ª L.ª
15. R. DOS FANQUEIROS - LISBOA
TELEF. 21143/21789

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, MOBILE, Ala., NEW ORLEANS, HOUSTON E GALVESTON

O motor rápido

"SLOTTERDYK"

carrega em LISBOA em 29 de JANEIRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«LOCH GARTH» — 16 de Janeiro

«DIEMERDYK» — 30 de Janeiro

«P A R D O» — 8 de Fevereiro

PORTUGAL E... ALGARVE

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

telos, monumentos, etc. de Portugal. Pois ponto nenhum do nosso Algarve, recanto de beleza natural, motivo regional, ou folclórico, mereceu a honra duma referência.

Os congressistas estrangeiros são passeados por todo o País! Ao Algarve... nem de longe, não vá qualquer canibal cobiçar-se de algum naco de loiro e nédio estrangeiro!

Agora o SNI anuncia uma sementeira de pousadas e estalagens, mas... a sul do Portinho da Arrábida... não vale a pena, porque é pior que Marrocos, desactualizado qualificativo, uma vez que o Norte de África é hoje frequentada zona turística.

Ligações ferroviárias é do piorzinho, quanto a horários e a material.

Um dia, alguém lembrou que existiam umas pobres Caldas de Monchique. Foi o bota-a-baixo para reconstruir mas... como não podia deixar de ser por fidelidade ao nosso triste fado, logo tudo caiu no esquecimento.

Pobre Algarvel! Sempre esquecido... ou País diferente.

Esquecido? Perdão, temos sido ultimamente bem lembrados.

Não está, praticamente, constituído o monopólio, lá para cima, no que respeita a destilação de figo? Claro que fomos lembrados para nos levarem o figo industrial e arrazarem as destilarias do Algarve, apesar dos protestos.

Não foi proibida a exportação de cortiça virgem, para se estabelecer uma indústria de aglomerados que, para existir, tem de comprar barato? Claro que para esse novo monopólio lembraram-se que tínhamos cortiça...

E agora não estão dois senhores, interessados na indústria de farinhação da grainha de alfarroba, a pretender, para si, por um imposto a lançar sobre a exportação de grainha e alfarrobas inteiras, um protecção que lhes garante o monopólio do comércio desse fruto?

E a pesar do prejuízo para a Província ser, em milhares de contos, superior ao lucro para que arregalam os olhos, não encontrou a proposta das duas firmas ambiente acolhedor, nos organismos que a têm de apreciar?

Esquecidos? Não!

Foi lembrada a lavoura algarvia, que está «rica e enfaçada» para servir de pasto a todos os monopolistas.

Esquecem-se do Algarve? Não, senhores! Sempre que se já preciso roçar, cá estamos nós. Existimos e de verdade... como colónia.

Talvez o mereçamos!

Em tudo, em economia, em turismo, em política e não sei em que mais, a grande massa dos algarvios, acostumou-se a esperar... de cócoras e os desatcados, os que podem, não ligam, ou não querem fazer ondas, ou limitam-se a interessar-se pelos problemas, mesmo os graves... tratando-os como assunto de mero expediente.

Parece-nos que já chega e que vai sendo tempo de substituir, nas veias, o capilé xaroposo por sangue vivo e quente. Talvez este arrazoado não seja próprio para editorial de Ano

Campeonato Nacional da II Divisão

FUTEBOL

Resultados da 14.ª jornada:

- Lusitano, 1 - S. Domingos, 1
- Olhanense, 2 - Portimon., 2
- Desp. de Beja, 1 - Farense, 1
- Almada, 0 - Juventude, 3
- Luso, 0 - Montijo, 2
- Montemor, 0 - C. U. F., 3

Em Vila Real Sto. António

LUSITANO, 1-S. DOMINGOS, 1

Árbitro: M. Barulho (A. F. Setúbal). Lusitano: Balbino; Rui, Jorge e Reina; Rodolfo e Sanina; Almeida, Padesca, Antunes, Germano e Júlio.

S. Domingos: Valentim; Amadeu, Martins e Lopes; Romão e Alexo; Severino I, Severino II, Barão, Brás e Marques.

Aos 25 m: 1-0, a favor dos visitantes. Ataque rápido, de recorte simplificado e progressivo pelo flanco esquerdo, concluído pelo avançado-centro, Barão, com remate rasteiro ao canto oposto da baliza.

A 8 m. do final: 1-1. Tenta apontado por Almeida, de grande penalidade. Castigo, quanto a nós, de aplicação discutível, à base do próprio espírito da lei.

O Lusitano, em tarde de muito fraca inspiração, iniciou o encontro em ares de grande confiança, acabando por ter de se contentar com um empate, conseguido a muito custo, já no declinar da partida.

Com uma disposição de quatro defesas, na grande área; dois médios, sempre prontos a tapar a sua baliza; e quatro avançados, atentos às oportunidades de contra ataque, — o S. Domingos embarçou de tal maneira o trabalho da equipa vilarealense que o empate final não deixa de ser justo, sem embargo do domínio territorial exercido na maior parte da partida pelos nossos conterrâneos.

Aos 8 e 20 minutos da segunda parte, Germano e Almeida tiveram as redes adversárias à sua mercê mas atiraram o esférico para fora, quando o mais difícil era não marcar (frase muito batida na gíria futebolística, com absoluta aplicação neste caso).

A equipa visitante veio surpreender o Lusitano, na sua própria casa, com um plano de jogo preconcebido que pôs em prática com bons resultados, não só pela aplicação de todos os seus elementos, como também pela má tarde dos seus adversários que, além de terem falhado individualmente, não seberam manobrar, em conjunto, de harmonia com as circunstâncias.

Um louvor aos simpáticos mineiros pela forma correcta e voluntariosa como se bateram durante todo o jogo.

Os locais fizeram, sem dúvida, a sua pior exibição da época. Confessem, porém, no seu espírito desportivo. Eles saberão tornar as dificuldades, pulverizando as preocupações que apoquentam os desportistas vilarealenses, pela má posição da sua equipa na tabela da classificação.

L. C.

TEATRO

A confirmar o êxito anteriormente obtido, repetiu-se, em *matiné* no dia de Ano Novo e em *soirée* em 8 do corrente, totalizando assim 4 representações, o espectáculo que o Grupo Cénico do Glória Futebol Clube em boa hora levou à cena, com a peça em 3 actos «O Sr. Ventura» e o indispensável «Fim de Festa».

Dispondo de uma sala optima e com o palco agora dotado de todos os requisitos necessários, é de esperar que se mantenha em regular continuidade a acção do Glória no campo teatral, onde o amadorismo constitue magnífica fonte de educação.

COMPRA-SE

Um PIANO em 2.ª mão. Informa-se nesta Redacção.

Novo; mas que sirva de fermento para, à força de maçada, fazer com que tu, oh moiro algarvio, te resolvas a gritar de modo a que te oiçam.

J. R.

Em Olhão

Mercê de graves erros de arbitragem, o Olhanense cedeu um empate ao Portimonense

No passado domingo, o Estádio Padinha registou uma boa enchente, a assinalar o «Dia do Olhanense», o qual não foi inteiramente feliz, e bem recordado ficará pela péssima arbitragem do senhor Jaime Pires de Lisboa.

O jogo teve início às 15 horas, e os grupos alinharam da seguinte forma:

Olhanense — Abração. (Cravo) Graça, J. Manuel, Fernandes, Grazina, Berdejo, Simões, Santiago, Vinício, Del Duca e Casaca.

Portimonense — Afonso, (A. Manuel), Luz II, Cortês, Artur, Luz I, Garcia, Alvarez, Moniz, Albertino, Reis e Camarinha.

O encontro principiou com fases de indiscutível entusiasmo por parte dos portimonenses, incitados pela sua valiosa falange de apoio.

Ao fim de 10 minutos de jogo, já a partida era disputada com mais ímpeto e inteligência pelos visitantes e foi sem surpresa que vimos delinear-se e concluir-se o 1.º tento dos olhanenses, alcançado por Del Duca, numa bola mal blocada por Afonso. Este golo, quanto a nós, embora não tivesse sido marcado por mérito próprio, merece elogio pela insistência de Del Duca ao guardaio visitante.

O grupo da casa, entusiasmado com o golo obtido e vendo o terreno facilitado com o desnorteio que se estabeleceu na defesa contrária, tomou nitido ascendente. Entretanto os barlaventinos, recompondo-se, alcançaram o empate, por intermédio do espanhol Reis, que além de ter levado a bola com as mãos, se encontrava nitidamente fora de jogo, tendo o juiz de linha assinalado falta, mas o árbitro validou a bola. E assim terminou esta primeira parte com o empate.

O segundo tempo decorreu de forma bem diferente do primeiro. A partida, até aos 10 minutos, jogou-se correctamente, mas desde então os Portimonenses deram-se à violência, que o árbitro não punia, e vendo que o árbitro não fazia caso, entregaram-se por completo ao jogo rude, e foi daí que o juiz de campo se salientou com atitudes de flagrante incompetência.

Numa bola rematada com boa conta por Simões, Afonso blocou-a mal, e Vinício, que se encontrava perto, não teve dificuldades em bater mais uma vez o guardaio Afonso, numa jogada infeliz do guardaio e idêntica à do 1.º golo do Olhanense, marcada por Del Duca. Poucos minutos decorriam, quando o Portimonense alcançou o empate, numa grande penalidade, marcada com boa conta para o lado direito de Abração, pelo extremo esquerdo Camarinha. A grande penalidade foi demasiado severa. Embora o Olhanense se tivesse lançado enérgicamente ao ataque, não conseguiu o ponto da vitória, (aliás justa), embora tivesse marcado uma bola, por intermédio de Simões, que o senhor Jaime Pires injustamente anulou. A seguir, sucederam coisas espantosas que nem chegamos a apontar, e duas delas foram as saídas do rectângulo de J. Manuel e Abração, gravemente feridos por choques com os adversários. Abração foi substituído nas redes por Cravo, o qual executou duas grandes defesas, a remates de Reis e Moniz.

A equipa do Portimonense desiludiu-nos, no aspecto técnico, pois vive somente de três jogadores de extraordinária classe e que são as suas pedras mais categorizadas: Reis, Garcia e Moniz.

Nos visitantes, merecem os 11 jogadores elogios pela excelente primeira parte, bem como pelo esforço que dispenderam, do qual nada resultou nem progrediu, porque o sr. árbitro não quis, salientando-se como os melhores, Del Duca, Simões, Fernando, João Manuel e Fernandes. Pode o sr. Jaime Pires estar grato ao nobre e grande jogador Grazina, que tanto contribuiu para acalmar o ambiente que se desenhava, e que o protegeu, juntamente com altas entidades e com o sr. Lourenço Mendonça, Presidente do Município.

Boa lição a lembrar-nos de que ainda existe, entre nós, o verdadeiro sentido de que «ganhar e perder é desporto».

Parabéns à equipa de Portimão e ao Olhanense, uns e outros sem culpa dos graves erros do sr. Jaime Pires.

NOTÍCIAS

Por motivos imprevistos, à última hora, não foi possível a realização do Festival comemorativo do «Dia do Olhanense».

Embora o encontro Olhanense-Portimonense tivesse o b.lhete especial, por parte dos associados do clube de Olhão, não se realizou a parada atlética e a entrega do estandarte à direcção dos antigos campeões de Portugal, o que ficará para data a marcar. No entanto, o «Dia do Olhanense» foi acolhido por todos, pois o campo encontrava-se com uma boa enchente, a demonstrar o brio e o carinho do público.

“MARROCOS ANDALUZ”

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

Os gregos, que no ano 500 tinham fundado numerosas feitorias desde Valência (Sagunto) até aos Pirinéus, falavam de que naquela época numerosas tribos celtas ocupavam a meseta central: por exemplo, os sefes e os cempsos. Porém, quando em 240 chegou Amilcar Barca a conquistar a meseta, só encontrou nela iberos puros. E' que nesse intervalo os celtas haviam sido encurralados para o Noroeste (Galiza) por uma reconquista ibera, que tomara como ponto de apoio o Aragão e como forças de refresco os iberos que, depois de ocuparem o lado francês pela parte de Perpignan, regressavam à Península, empurrados por outras tribos celtas da França. Crê-se que nesta época houve uma segunda emigração de iberos da África, que passara o Estreito para Tartessos, vindo ajudar os tartésios a derrubarem o poder de Tiro e a reconquistar a breve independência tartésia que durou desde 350 a 348. Ora, depois de ajudarem os tartésios, haviam, estes iberos, de Marrocos passado para a meseta central, ajudando os outros iberos que baixavam dos Pirinéus.

«As investigações modernas demonstram que, depois desta reconquista ibera da Espanha central, ficaram os celtas limitados ao ângulo Noroeste, mais para cima do Douro (Galiza, Trás-os-montes, Douro e Minho, etc.), e que os chamados

Portimonense tivesse o b.lhete especial, por parte dos associados do clube de Olhão, não se realizou a parada atlética e a entrega do estandarte à direcção dos antigos campeões de Portugal, o que ficará para data a marcar. No entanto, o «Dia do Olhanense» foi acolhido por todos, pois o campo encontrava-se com uma boa enchente, a demonstrar o brio e o carinho do público.

Chegou, enfim, à cidade de Faro, o valoroso e correcto futebolista Ventura, que se encontrava a jogar em África. Consta que o categorizado futebolista reaparecerá na turma da capital do Algarve, no domingo, contra a valorosa equipa de Montemor-o-Novo.

O Olhanense encontra-se neste momento em embaraços, por falta de guarda-redes que consiga substituir condignamente Abração, pois este sofreu, no passado domingo, contra o Portimonense, uma fratura no braço direito, o que não lhe permite jogar tão cedo. No mesmo dia do encontro, seguiu para Lisboa, a fim de lá ser tratado. Cravo, o jovem guardaio das segundas categorias, será, parece-nos, o seu substituto.

O categorizado treinador húngaro, Alexandre Peics que, desde o início da época, se encontrava à frente dos destinos futebolísticos do Portimonense, deixou de exercer aquele cargo.

Heroullano Valente

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
C. U. F.	14	11	1	2	39	18 28
União Sport.	14	10	1	3	28	9 21
Juventude	14	7	4	3	18	11 18
Portimonense	14	7	4	3	30	17 18
Olhanense	14	8	1	5	25	10 17
Sporting Farense	14	5	4	5	19	30 14
Almada A. C.	13	5	2	6	20	22 12
Desp. de Beja	14	4	4	6	16	24 12
Montijo	14	6	—	8	29	22 12
LUSITANO	14	4	2	8	18	24 10
S. Domingos	13	2	1	10	9	48 5
Luso	14	1	2	11	18	36 4

Jogos para hoje:

- Juventude - LUSITANO
- Portimonense - Almada
- Farense - Montemor
- C. U. F. - Olhanense
- S. Domingos - Luso
- Montijo - Desp. de Beja

celiberos não são, como até agora se acreditava, uma mescla de celtas e iberos, mas sim uma nova Ibéria, refeita com a adição de novos contingentes aragoneses e marroquinos». O conceito de *celiberos* teria assim o significado de *iberos em terra de celtas*, e não o que tradicionalmente se lhe dava de: mistura ou fusão de celtas com iberos.

Prova evidente de que se tratava de iberos em terra de celtas seriam os nomes das tribos, o seu traje baseado numa *gandura* marroquina de cor encarnada, e num albornoz de lã negra, com um lenço aragonês na cabeça. Montavam cavalos com ferradura (inventado novo que os romanos não conheciam). E não se deve esquecer que os latinos pronunciavam o c como k, e assim, *Kel-t-Iberia* vem a querer dizer, em berbere, *Castela*, pois *kel* ou *kal* é castelo e o *t* é sinal do feminino. Hoje em dia, as tribos do Saara que falam berbere distinguem-se com a particula *kel*, por exemplo: *Kel-t-rela*, *Kel-t-ui*, *Kel-t-antasar*, *Kel-t-ruel*.

Foram famosos os povoados fortificados, ou pequenas cidades, destes *celiberos*, — iberos dos castelos, de Castela. Todos do tipo de Numância, com muros de pedra até seis metros de grossura, e de cantos enormes, às vezes por lavrar. Povoações estas, que eram como ninhos roqueiros nos altos serros. Ali criavam mulas, cavalos, toiros, ovelhas. O seu governo era o típico dos pequenos estadozinhos espontâneos da montanha marroquina: umas vezes o do régulo ou amegar (Amghar), mescla do cacique e do alcaide heróico, tão célebre na vida mais recente da meseta; outras vezes a *yemaa* (comuna) com poder colectivamente municipal. Assim, Viriato foi o exemplo mais sublime do amegar, como Numância foi o mais sublime da *yemaa*.

Enquanto o Centro da Península apresentava este carácter ibérico novo ou renovado, o Sul continuava sendo tartésio. Porém, depois do primeiro empurrão cartaginês, o reino tartésio ibero não pôde reconstituir-se já e fizeram-se várias pequenas divisões ou parcialidades: a turdetana, a túrdula, a bastetana, a mastiena, a contestana. Todas viviam em boas relações, porém a sua desunião impediu-as de resistirem à segunda conquista cartaginesa, de Amilcar Barca, no ano 240 antes de Cristo.

(Continua)

Francisco Fernandes Lopes

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República-Telefone 12

TEIXEIRA GOMES Panait Istrati

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

«feito tabela» em Teixeira Gomes, para atingir o meu fim. E daí, os alguns ressaibos agrestes que ressumam da sua crónica — aquela crónica onde ele considera os «beduinos da política» muito mais perigosos que os «beduinos do deserto» para, seguidamente, dar a impressão de querer rectificar erros que não cometi, dado que, no final de contas, fui eu quem primeiro chamou mentiroso a Rocha Martins e quem, sem rodeios, condenou os deslizes de João Chagas.

Por outro lado, não pretendi apresentar matéria nova, mas somente dar à estampa duas críticas injustas, caídas sobre aquele que foi mais artista do que presidente da República, mais literato do que político.

Confesso, não tive a pretensão de esclarecer sobre as *razões profundas*, determinantes do seu exílio para o norte de África ou sobre quem determinou a sua ida para Londres. Esse espinhoso assunto estava fora do meu objectivo.

Marcos Algarve, que há muito admira, através dos seus escritos, parece querer imputar-me a responsabilidade de ter errado nesses pontos. E como tal, coloca-os em primeiro plano atravacando-os de interrogações!

Além do agradecimento que lhe devo pela leitura das minhas magras linhas, julgo dever deter-me em volta dessas mesmas interrogações, para declarar, com pena, com muita pena mesmo, a minha incapacidade para lhes dar resposta. Se eu tivesse a chave da verdade, não hesitaria servir-me dela para socorrer a curiosidade dos leitores. Seria incapaz do contrário. Que diriam eles da minha recusa?

* * *

Eu não sei quem arrancou Teixeira Gomes da contemplação dos seus quadros, do prazer dos seus livros, do cosmopolitismo das suas viagens, para o atirar, com prejuízo da literatura nacional, para a balbúrdia da política. João Chagas afirmou ter sido ele, e eu assim o julgava, até há pouco tempo. E julgava, porque a afirmação é verosímil.

Em 1910, Magalhães Lima era, em Paris, o mais conhecido propagandista e representante das ideias republicanas. A revolução de 5 de Outubro veio encontrá-lo aí, sendo voz corrente que ele viria a ser o nosso primeiro embaixador na capital francesa. Mas havia outro candidato ao lugar: João Chagas.

Este último de tal modo jogou os seus trunfos, que conseguiu a almejada nomeação, obtendo uma vitória fulgurante mas, decerto, não muito fácil. O seu rival tinha prestígio e, diplomaticamente, provas já dadas.

E' muito possível que, durante a luta, João Chagas tivesse mostrado a Bernardino Machado a grande vantagem que haveria em enviar Magalhães Lima para a Corte de Inglaterra. Procedendo deste modo, fazia o seu jogo...

Magalhães Lima afirma (Episódios da minha vida, I vol. pág. 305) que recusou o lugar de Londres, alegando que só em Paris se sentia capaz de ser útil à República. A recusa, numa altura em que não tínhamos diplomatas suficientes para todas as embaixadas, colocou Chagas numa posição moralmente difícil. A menos que ele se metesse a descobrir embaixadores, para melhor justificar o seu capricho de se fixar na cidade do mundo. E daí, talvez, o ter-se lembrado de Teixeira Gomes.

Eu não afirmo que assim tivesse sido. Simplesmente, digo que a hipótese é absolutamente lógica e... baseada em factos.

Uma coisa é evidente: Quem passar pelos olhos a obra citada de Magalhães Lima, imediatamente conclui que Chagas era «gente grande» no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Acresce ainda que o «Diário» de João Chagas é um repositório de notas íntimas, que o seu autor, provavelmente, nunca pensou dar à publicidade. Sendo assim, que interesse poderia ter ele em mentir a si próprio?

Saindo póstumamente, como é sabido, o volume chegou decerto às mãos de Bernardino Machado e foi, com certeza absoluta, lido por Teixeira Gomes. Este certificou-se das ferroadas que lhe eram dirigidas e não consta tivesse desmentido a parte referente à sua entrada na política. Igualmente não consta que Bernardino Machado tivesse tomado idêntica iniciativa. Porquê?

Mas há mais matéria a favor da verosimilhança da informação de João Chagas. O jornalista Dr. Norberto Lopes, que várias vezes trocou impressões com Teixeira Gomes, no seu exílio do norte de África, transcreve

parte duma carta que este dirigiu a um amigo, e onde, referindo-se à maneira como João Chagas o descreveu, comenta:

«E' uma caricatura rancorosa, na qual ele pôs quanto fel trazia represso, pela inveja que lhe causava a minha despreocupada aparência de felicidade (com que eu castigo os meus mais ferozes inimigos), e aquilo a que ele próprio chamava as minhas «vitórias diplomáticas», atribuindo-as à boa estrela que me guiava. Não me parece que a caricatura saísse famosa, apesar do trabalho, bem patente, de composição e execução, mas a envergadura artística de Chagas não chegava para mais (dada a intenção, eu fiquei muito favorecido)».

Teixeira Gomes, como se acaba de ler, não desmentiu os factos. Limitou-se, simplesmente, a notar que a caricatura era rancorosa. E nisso tinha razão.

* * *

E' possível que Marcos Algarve, revelando o que sabe, transforme todas estas divagações em zero. Estou mesmo convencido disso. Mas essa perspectiva não obsta a que me justifique.

Na crítica de João Chagas, evidentemente, há referências gratuitas, mas há também alguns factos. E um destes é verdadeiro: Bernardino Machado não simpatizava com a pessoa do seu embaixador em Londres!

Isto diz Chagas, mas... diz também Norberto Lopes, a pág. 79 do seu «Exilado de Bougie»:

«A escolha do nome de Teixeira Gomes para Ministro de Portugal tivera, de princípio, a oposição de Bernardino Machado, ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo da República, que em vão procurou descobrir outro nome que reunisse — o que era difícil — maior soma de requisitos para o desempenho do lugar.»

Por aqui se prova que no «Diário» de João Chagas nem tudo é mentira. Essa foi a causa do meu erro: Julguei que o rigor da Parte era sintoma do rigor do Todo. E, pelos vistos, neste caso, a lógica não chegou para encobrir a minha ignorância. Ossos do ofício!

* * *

Lamento não saber dizer onde se esconde a verdade. Sinceramente, não sei. Se soubesse, seria incapaz de guardar segredo, pela simples razão de se tratar de um assunto pertencente à História.

Sirva-nos de consolação a certeza de que há quem possa dizer algo sobre a matéria. Já é meio caminho andado e... viva o velho!

J. SILVA CARVALHO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

priamente nos livros, embora se considerasse um inveterado vicioso da literatura.

Um dia, Romain Rolland, esse grande escritor e grande homem, recebe uma carta de um desconhecido que, em circunstâncias desesperadas, tenta suicidar-se. A leitura dessa carta perturba-o, comove-o. Estava ali a presença de um desesperado e de um homem de talento. E a pedido do autor de Jean Christophe, Panait Istrati escreve as suas primeiras novelas. Não são obras de génio, estão bem longe de se considerarem obras primas, mas a vida que freme e palpita nessas páginas, escritas com paixão e lágrimas, dão já um claro testemunho de quanto vale e se pode esperar desse desconhecido escritor romeno e mostram, principalmente, um domínio completo na arte difícil de saber contar uma simples história. Romain Rolland sagrara esse escritor como um novo Gorki. Há, na verdade, semelhanças flagrantes entre Istrati e Gorki, mas há também abismos que os separam e fazem de cada um o seu antipoda. Em ambos se encontra a paixão da vagabundagem, a riqueza fantástica e perturbante de homens e paisagens diferentes, as mesmas inquietações humanas, o sofrimento e desespero dos homens, tudo isso caldeado num evidente pessimismo, que é ainda um protesto contra as condições sociais em que viveram. Mas, enquanto o espírito de Gorki se mostra disciplinado, o espírito de Istrati agita-se, permanentemente, num mundo de pesadelo e inquietação. Istrati — isto torna-se evidente pela leitura das suas obras, — já não chega a dominar os acontecimentos reais; a sua imaginação poderosa mas anárquica, sobrepõe-se, por vezes, a todo o senso de verosimilhança. Esse homem, que se gabava de possuir um conhecimento perfeito dos actos e sentimentos humanos, resvala com a maior das facilidades para o reino das fantasias. Não é só o vagabundo que se delicia ou sofre a calcurriar as sete partidas do mundo; é principalmente o vagabundo dos céus da quimera e do sonho.

Talvez, como filho de camponeses que era, se sentisse desenraizado na terra estranha que seus pés pisavam, talvez a paisagem de Braila, a sua cidade natal, distante dos seus olhos, lhe provocasse essa inquieta febre de delírios e miragens intangíveis. De qualquer maneira, Istrati está bem longe de ser um escritor objectivo. Mas não pretendemos afirmar que o autor de Floarea se reduza a

mero fabricante de sonhos. Basta essa pequena novela para creditar Istrati como um dos melhores escritores da nossa época. Floarea é a narração simples e emotiva da existência de uma pobre mulher do povo; o seu destino de submissão a leis sociais injustas e o seu ardente sonho de emancipação e dignidade, iluminado por uma estranha consciência feita de sacrifícios, renúncias e sofrimento. E' a mulher que se ergue em toda a plenitude, emergindo dos pantanos, chamando a si a vida que se lhe nega, não engeitando os seus erros e as responsabilidades que lhe cabem, mas gritando valorosamente a sua condição de ser humano e protestando contra as mentiras e tradições que a pretendem amesquinhar. E' no desenho romântico, mas vigoroso, de certos temperamentos de mulher, que Istrati atinge uma delicadeza de sentimentos pouco vulgar na literatura. E certo que esse amor raramente consegue consubstanciar-se, mas, das suas descrições, fica-nos o doloroso e amargo trazo dos desejos que não encontram a sua plena realização.

Panait Istrati é, principalmente, o narrador das angústias dos que vivem isolados. Ele próprio viveu a maior parte da sua vida num estreito isolamento. Era um individualista, pelo seu temperamento. As multidões afiguravam-se-lhe massas amorfas, sem alma e sem destino. No meio da indiferença dessas multidões, sofreu, sentiu os horrores da fome, experimentou o medo como uma criança desprotegida e abandonada. Kyra Kyralina, que encerra muito de disparatado e fantástico, é quase um grito contra o isolamento das pessoas, uma acusação vibrante contra tudo o que impede que os seres humanos se amem e compreendam. Foi o isolamento que matou Istrati. Em determinada altura da sua existência, pareceu que Istrati compreendera o sentido das multidões e juntou os seus passos aos que caminhavam na senda dura de um outro futuro. Mas toda essa ansia ou tensão do escritor não passava de um terrível ludíbrio. Talvez lhe tivessem escasseado as forças para prosseguir tão áspera jornada; talvez os seus pés, habituados às longas caminhadas, se recusassem a dar passos mais decisivos. Não ficou só, no meio do caminho, como apagou e renegou as passadas anteriores da sua vida. Em Paris, desiludido, vergado a um destino de maldição e opróbrio, renegado pela intelectualidade francesa, Panait Istrati passeava a sua triste vagabundagem de homem desespe-

rado. Ideias de suicídio novamente lhe acodem, numa angústia doentia e obcecante. A tuberculose, no entanto, que espreitava a debilidade da sua compleição física, atacou de uma forma irremediável. E os seus últimos dias escoam-se monotonicamente, numa vida de tédio e renúncia — a vida que ele tão bem soubera descrever nos seus livros. Este pobre Panait Istrati, com as suas fantásticas e inacreditáveis histórias — como um dia, dissera Barbusse, num tom irónico — chegava ao fim da sua amarga existência. A gente da sua terra continuava a sofrer e a divertir-se; alguns dos homens mais impacientes desprezavam a sua condição de artesãos e camponeses e em vez de escolherem noiva no meio das belas raparigas de Braila, escolhiam os largos e acidentados caminhos do mundo. Ele também, à semelhança do Adriano, de Kyra Kyralina, fugira à escravidão do lar; decidira-se pela aventura da estrada. Mais tarde, acabou por reconhecer que o mundo não passava de uma grande prisão. E na cama do hospital, certamente, Panait Istrati, pensava no malogro da sua vida, enquanto recordava os dias livres, passados e vívidos nas largas margens do Danúbio, nessa ansia, sempre insatisfeita, de percorrer novas terras, tomar contacto com nova gente, aquecer o seu corpo de vagabundo à luz amiga do sol — o sol que sempre pairou afastado da sua alma de homem amargurado e vencido.

RODRIGUES PENA

CURSOS

de Educação de Adultos

Criados pelo Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe, do Sotavento do Algarve, abriram, em 7 do corrente, 4 Cursos de Educação de Adultos, dos quais 3 para o Sexo Feminino e um para o Sexo Masculino.

Destes cursos, um do sexo feminino funciona na vizinha localidade de Monte Gordo e os restantes em Vila Real de Santo António.

São regentes dos Cursos referidos as sr.ªs professoras D. Luiza Rita Costa, D. Emília de Paula Paleta e as regentes escolares D. Fernanda Baptista Primitivo Pires e D. Stela Simões de Brito das Dores e Silva.

A inauguração dos Cursos nesta vila, assistiu o sr. Delegado do Director do Distrito Escolar, que enalteceu os propósitos do Estado Novo em acabar de vez com o analfabetismo, e louvou o Grémio dos Industriais de Conservas, do Sotavento do Algarve, por tão necessária iniciativa e, dirigindo-se aos alunos, fez-lhes ver a vantagem que adviriam da obtenção do certificado de exame da 3.ª classe, exortando-os ao trabalho, para que seja coroada de êxito tão prestantíssima iniciativa.

Massena e o Estadista Curveto

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

poleão era negada pelo contra-bloqueio britânico. Impetuosamente, as naves de Nelson e de Hood opunham a audácia dos seus «raids», das suas diárias contra-acções a um país quase totalmente desguarnecido — e até invadido pela sua própria esquadra que, por mero facciosismo, destruíra a esquadra trabalhosamente construída pela dinastia borbónica. Pois tudo isso foi invalidado pelo patriotismo dos soldados de Napoleão, filhos da revolução da população. E esta, apesar de substituir um despotismo por outro, tornou sem dúvida unitária a França fragmentária e desordenada que, primeiro combatida por Richelieu, concluiu por vergar ao pulso de aço de Luis XIV, o rei-sol.

O depoimento de Thiers

AS PÁGINAS 203-204 da sua «História do Consulado e do Império», Thiers, o minucioso historiador e político francês, do século passado, escreve o seguinte:

— «O grande carácter de Massena não se desmentira até à última extremidade. Antes de se entregar — diziam

os soldados que então batalharam com ele — dar-nos-á a comer as próprias botas.» A carne de vaca estava esgotada; comia-se a de cavalo; e, acabada esta, comiam-se dos animais mais imundos. Desde 3 de Maio, Massena, recolhendo o amido, a semente de linho, o cacau existente nos depósitos de Génova, mandara comprar uma espécie de pão, que os soldados mal podiam comer. O triste pão de favas e de aveia fora também devorado. Poucos dentre eles não o conseguiram ingerir e, quase todos iam encher os hospitais. O povo, reduzido a uma sopa de ervas por único alimento, experimentava uma angústia de fome. As ruas estavam juncadas de desgraçados, morrendo de inanição.

— Deem-me — bradava Massena aos generais — dois dias de viveres, um só, e salvo-os do jugo austríaco; pouparei ao meu exército o desgosto de se entregar.

Falaram de negociações. O bravo general, ao ouvir falar de capitulação, proibiu que lhe falassem em tais termos. Dessejava que o exército se pudesse retirar livremente, com armas e bagagens e as bandeiras

desfraldadas, e com a faculda-de de voltar a bater-se, uma vez transpostas as linhas de resistência.

Os conselhos de Curveto

VÁRIAS vezes foi de Thiers ministro e chefe do governo, nos diversos gabinetes formados em França. Aproveitava a sua excepcional aptidão para formar volumes de notas que servissem à sua História, sem dúvida que a mais completa da época.

É então que acentua o perfil de Francesco Curveto, em rápidos e eloquentes traços. O cerco concluiu numa Convenção bastante honrosa para a França e os seus partidários italianos, no país ligúrio. Eis o que nos conta Thiers:

Massena estipulou os direitos dos Genoveses e exigiu, como condição expressa, que nenhum deles fosse molestado por causa das opiniões emitidas durante a ocupação francesa. E que as pessoas e os bens fossem fielmente respeitados.

De Curveto, célebre Genovês, depois ministro em França, assistiu a estas conferências e pôde testemunhar os esforços empregados em favor dos Genoveses. Massena quis mais que lhes conservassem a forma de governo actual, o que deviam à Revolução Francesa. Neste ponto, os generais aus-

Reparações e Modificações de Rádios de T. S. F.

Sérgio Peres

Diplomado em o Curso de Rádio Maymo de Madrid

RAPIDEZ E ECONOMIA

Rua Cons. Frederico Ramirez, 31

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Punktal
SOLINGEN

a única lâmina que barbela toda a gente!

AGENTES EM PORTUGAL:

Soc. de Rep. Cupertino
de Miranda & C.ª L.ª

R. S. Francisco, 41-Apartado 205-Porto

triacos recusaram-se a comprometer-se.

— Bem! — disse-lhes Massena — façam o que quiserem que, antes de quinze dias esteja rei de volta a Génova!

Palavras proféticas, às quais um general austríaco, de Saint-Julien, deu esta nobre e delicada resposta:

— Achará nesta praça, senhor General, homens a quem ensinou a defendê-la.

Consiglieri Sá Pereira